



Nas asas de uma lenda

Quando Sandro pegou sua bicicleta, ninguém sabia que rumo ele tomaria. A ideia surgira havia muito tempo. Faltava-lhe apenas a decisão de colocar em prática o seu plano. Finalmente chegara o dia.

“Tudo é subjetivo. Decisões são subjetivas”. – pensou Ícaro.

Desde a sua infância os dias eram feitos para as descobertas; as noites, para os questionamentos.

— *Mãe, por que as estrelas têm cores tão diferentes?*

— *Não sei.*

— *Na escola eu aprendi que o sol tem oito planetas principais, cinco planetas anões e mais um monte de asteroides que giram ao redor dele.*

— *Ah, é...? E quanto é nove vezes nove?*

Todos os dias era a mesma coisa. Agora, já adulto, essas lembranças eram vozes que aturdiavam a sua memória. Não o abandonavam nunca.

“Eu sei o que busco! Sempre soube! Eles, não!”. – pensou Sandro enquanto dava mais velocidade à bicicleta.

Quanto mais ele pedalava, mais ouvia suas lembranças.



O Castelo do Silêncio

Uma casa muito pobre no alto de um morro. Noite. Rute e Isaías, 15 e 19 anos, estão sentados um ao lado do outro. Olham as luzes da cidade.

RUTE

A cidade parece tão pequena daqui de cima.

ISAÍAS

Silêncio.

RUTE

Hoje, eu fui lá no shopping com a Suzana. Ela foi comprar um par de botas.

ISAÍAS

Silêncio.

RUTE

Ela pagou com dinheiro. Tinha que ver a cara da vendedora quando viu a gente entrando. Ela ficou com



A Vida Poderia Ser . . .

Teresa levantava-se todos os dias por volta das sete horas da manhã. É nesse horário que as casas da periferia da cidade vão despejando pessoas apressadas pelas portas, cada uma rumando para o seu trabalho. A casa de Teresa era humilde. Não fazia muito tempo que a família havia aumentado em duas peças para os fundos. A cozinha virou um quarto para os três filhos e o quarto antigo ficou para as duas moças. Não deu para fazer uma pintura nova na casa, mas três dos filhos já estavam trabalhando e com um pouco de cada um, daria para comprar uns dois galões e dar uma demão na casa toda. Tudo com muito sacrifício e com o pulso firme de Teresa. Se dependesse do Osório...

A própria Teresa pediu para o marido arrumar os sarrafos da cerca... e ele nada.

No seu passo lento, arrastado, Teresa carregava a vassoura pelo quintal até a frente da casa. Em um dos lados havia canteiros de couve, alface e tempero verde. Uma pedra não muito grande, mas comum naquela região próxima de morros, servia como adorno no pequeno jardim na frente. Ela olhou a sujeira espalhada pelo chão, balançou a cabeça e começou a varrer com toda paciência do mundo. Parecia um





Kamikaze

— Meu Deus...

Romilda estava assustada com o que via. Com um braço cruzado sobre o ventre e a outra mão colocada sobre a boca, ela quase não piscava. Seus olhos ficavam maiores devido aos óculos muito grandes de aro preto, e mostravam inquietação e assombro por causa daquele brinquedo estranho no parque de diversões, o kamikaze, e dos gritos das pessoas que estavam lá dentro. A menina ao seu lado tinha por volta de nove anos de idade e olhava tudo fascinada.

— O que foi, vó? — perguntou a menina sem tirar os olhos do kamikaze.

— Por que eles gritam desse jeito, Verinha?

— Eles estão se divertindo!

— Meu Deus!

Apesar dos tempos atuais terem várias opções bastante atrativas de divertimento, uma das mais procuradas continua sendo os parques de diversão e seus brinquedos espetaculares: a roda gigante, o chapéu mexicano, a montanha russa, o tradicional carrossel de cavalinhos e muitos outros que foram surgindo com o tempo e se incorporando às atrações.

Um desses é justamente o kamikaze: dois pêndulos

